



nº 13 - dezembro de 2014

BAUMAN: o lugar da literatura, na *modernidade líquida*.

Olga de Sá*

RESUMO

O artigo trata do papel que Bauman atribui às artes e, especialmente à Literatura, numa sociedade em contínua mudança, que ele denomina *modernidade líquida*. Como o tempo constitui fator importante nesse fluxo contínuo, o artigo aborda alguns aspectos desse fator.

PALAVRAS-CHAVE: Modernidade; Pós-modernidade; Bauman; Tempo; Literatura

ABSTRACT

The article states the role Bauman attributes to Arts, and especially to Literature, in a society in constant changing, which he calls *liquid modernity*. As time has an important value in this continuous flow, the article discusses some aspects of this issue.

KEY WORDS: Modernity; Post modernity; Bauman; Time; Literature

* Mestre em Teoria Literária e Doutora em Semiótica, pela PUC-SP, pós-graduada em Psicologia Clínica, licenciada em Filosofia, educadora, escritora e Vice Diretora das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila - Fatea – Lorena, SP, Brasil. olgasa@fatea.br

De renome internacional, aposentou-se em 1990 e, de lá para cá, seus livros se multiplicaram e quase todos foram traduzidos no Brasil. Bauman não concorda com o termo *profeta da pós-modernidade*, que muitos lhe atribuem. Aplicou à sociedade moderna o termo *modernidade líquida*, porque nada é para durar, vivemos em tempos líquidos num mundo de incertezas. Chamou a sociedade anterior de *modernidade sólida* e criou a metáfora da *liquidez*, evitando o termo *pós-modernidade*. Declarou que passou a evitar o termo *pós-modernidade* porque se cansou de tentar esclarecer uma confusão semântica, que não distingue *sociologia pós-moderna* de *sociologia da pós-modernidade* e *pós-modernismo* de *pós-modernidade*. Em seu vocabulário, *pós-modernidade* significa um tipo de condição humana, enquanto *pós-modernismo* se refere a uma visão de mundo, que pode surgir, mas não necessariamente, da condição pós-moderna. A *pós-modernidade* é, para Bauman, modernidade sem ilusões. Diferentemente da sociedade moderna anterior, que ele chama de *modernidade sólida*, que também estava sempre desmontando a realidade herdada, a de agora não o faz com uma perspectiva de longa duração, mas com a perspectiva de nenhuma permanência.

Como os líquidos, a sociedade moderna caracteriza-se pela incapacidade de manter a forma. Nossas instituições, estilos de vida, quadros de referência, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificarem em costumes, hábitos, verdades. Os sólidos derretem. Enquanto na sociedade sólida do passado o desenraizamento era feito para ser novamente reenraizado (mudar para permanecer, como se diz no filme *O Leopardo* de Luchino Visconti, 1963), empregos, relacionamentos, conhecimentos, permanecem em fluxo, voláteis, desregulados, flexíveis. Os padrões de conduta não podem se congelar em rotinas e tradições.

Bauman é um sociólogo polonês radicado na Inglaterra. Em entrevista a *ISTO É*, por e-mail, o professor emérito das universidades de Leeds, no Reino Unido, e de Varsóvia, na Polônia, falou sobre temas muito caros aos brasileiros: favelas, violência policial, drogas.

Hoje, o impulso de transgredir, de substituir, de acelerar a circulação de mercadorias rentáveis, não dá ao fluxo a possibilidade de abrandar-se nem o tempo necessário para condensar-se e solidificar-se em formas estáveis.

Bauman é um dos líderes da chamada *sociologia humanística* indiferente às fronteiras das diversas disciplinas. Seu objetivo é mostrar ao público, composto de

peças comuns, que se esforçam por ser humanas num universo cada vez mais desumano, que o mundo pode se tornar melhor do que é.

Nascido na Polónia, em 1925, Bauman escapou dos horrores do holocausto que atingiram os judeus poloneses na Segunda Guerra Mundial, fugindo com sua família para a Rússia, em 1939. Voltando de lá, filiou-se ao partido comunista, estudou na Universidade de Varsóvia, conheceu Janaina, com quem se casou e teve três filhas: Anna (matemática), Lydia (pintora) e Irena (arquiteta). Em Varsóvia, ambos procuraram construir suas carreiras, ele como professor na Universidade e ela como editora de enredos cinematográficos, e criar sua família, até que uma nova onda de antissemitismo e repressão forçou-os ao exílio. Ficaram três anos em Israel. Bauman foi então convidado para ser chefe do departamento de sociologia da Universidade de Leeds, na Inglaterra (PALLARES-BURKE, 2004).

Nesse mundo da *modernidade líquida*, em que se deseja e se espera criar uma sociedade melhor e mais justa, qual o papel ou o lugar que Bauman atribui à cultura, às artes e, especialmente à Literatura? No livro *Bauman sobre Bauman*, Keith Tester focaliza as respostas que o sociólogo deu às suas questões:

No primeiro diálogo, pergunto a Zygmunt Bauman que obra levaria para uma ilha deserta: se pudesse levar só um livro, qual seria? Eu esperava que a resposta fosse *Cadernos do cárcere*, de Gramsci, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, de Weber, ou, mais provavelmente, *Filosofia do dinheiro*, de Simmel. Em vez disso, Bauman relacionou uma série de obras de literatura e afinal se decidiu por um conto do escritor argentino Jorge Luís Borges (2011, p.16).

Foi uma surpresa, para Tester e, talvez para quase todos os leitores de Bauman.

O motivo é que um conto de Borges pode ser mais instigante que os livros convencionais de sociologia, se for mais capaz de apreender, de modo abrangente, o fluxo e a indeterminação da vida social de homens e mulheres. Em seus livros, Bauman se refere com frequência às artes e à Literatura.

Elas são capazes de lançar novas luzes sobre as relações e forças sociais, pois são construídas com base no ficcional e não no factual (TESTER, 2011).

Em entrevista a Pallares-Burke, Bauman estende-se bastante sobre o papel que atribui à Literatura na criação de uma sociedade melhor. A sociologia sempre foi, para ele, uma daquelas numerosas narrativas, de muitos estilos e gêneros, que recontam a experiência humana de estar no mundo. A sociologia propriamente dita sempre

considerou romancistas e poetas seus camaradas de armas, não competidores e, muito menos, antagonistas. A tarefa das narrativas sociais e literárias era oferecer um insight mais profundo sobre o modo como essa experiência foi construída e pensada e, dessa maneira, ajudar os seres humanos na sua luta pelo controle de seus destinos individuais e coletivos. Nessa tarefa, a narrativa sociológica não era superior a outras narrativas, mas dependia da qualidade de seu produto. Bauman confessa que ganhou de Tolstói, Balzac, Dickens, Dostoievski, Kafka ou Thomas More muito mais insight sobre a substância das experiências humanas do que de centenas de relatórios de pesquisa sociológica. Diz compreender a observação de Richard Rorty de que se os futuros arqueólogos quisessem saber como era viver, buscar a felicidade e sofrer em nossa sociedade líquida teriam muita sorte se encontrassem em alguma biblioteca os livros de Dickens e muito azar se encontrassem os de Heidegger (TESTER, 2011).

Quando se quer entender o que faz as pessoas serem o que são, conhecer o que pensam, os dilemas que enfrentam, a sociologia perde para a literatura. Há escritos sociológicos que estão muito distantes das experiências diárias e se referem a uma mínima parcela da experiência humana. Kant, por exemplo, só considerou o aspecto da condição humana que diz respeito à razão, ignorando as características emocionais, irracionais, que fazem parte dessa condição (PALLARES BURKE, 2004).

Nessa mesma entrevista, Bauman resume o que aprendeu com Borges: acima de tudo, aprendeu sobre os limites de certas ilusões humanas: sobre a futilidade de sonhos de precisão total, de exatidão absoluta, de conhecimento completo, de informação exhaustiva sobre tudo; enfim, sobre as ambições humanas que, no final, se revelam ilusórias e nos mostram impotentes.

Isso se deve também, segundo ele, à posição invejável de Borges nunca ter sido um acadêmico e de nunca ter estado submetido a uma disciplina.

Fora dos muros da academia, os romancistas desfrutaram da liberdade que é negada, por exemplo, aos sociólogos profissionais, que têm seus trabalhos avaliados pela conformidade com os procedimentos que definem e distinguem a profissão, e não por sua relevância humana. Quando se envia um artigo a uma revista científica para ser avaliado por um *par*, numa opinião anônima, isso só tem um impacto: reduzir a originalidade ao denominador comum! Pois, na verdade, o que acontece é que essas opiniões fazem rebaixar todo pensamento original. Borges nunca teve que se submeter a esse tipo de coisa (PALLARES BURKE, 2004).

Bauman infere, portanto, que, ao contrário dos acadêmicos, os romancistas podem, abertamente, recorrer a estratégias que os primeiros desconsideram, arrogantemente, como *meras intuições, puras suposições*, ou mesmo *construções da imaginação*. Assim, os romancistas podem abrir novas possibilidades interpretativas.

Mas, acima de tudo, a maior vantagem da narrativa dos romancistas é que ela se aproxima mais da experiência humana do que a maioria dos trabalhos e relatórios das ciências sociais. É capaz de reproduzir a não-determinação, a não-finalidade, a ambivalência obstinada e insidiosa da experiência humana e a ambiguidade de seu significado – todas características muito marcantes do modo de o ser humano estar no mundo, mas que a ciência social se inclina a ver como *impressões falsas*, originárias de ignorância ou do conhecimento insuficiente.

Bauman cita, constantemente, escritores, romancistas, artistas. Diz, por exemplo, que Maurice Blanchot afirmou, em palavras que ficaram famosas, que as respostas são a má sorte das perguntas. Isto porque cada resposta implica fechamento, fim da estrada, fim da conversa. Também sugere nitidez, harmonia, elegância: enfim, qualidades que o mundo narrado não possui. Tenta fechar o mundo numa camisa de força, na qual ele definitivamente não cabe.

A busca é complexa, pontuada de dúvidas. A resposta é simples, eliminando incompatibilidades e contradições. Não existe um fim tranquilo de viagem, não existe um final feliz. Toda felicidade se encontra na própria jornada (PALLARES-BURKE, 2004).

Bauman declara que no curso de meio século de estudos e de escrita nunca conseguiu terminar um livro. Sempre entregou seus livros ao editor inacabados. Aquilo que lhe parecia um *fim* era, de fato, um começo; por trás de cada resposta, havia questões piscando. Elas emergiam, via de regra, após as respostas. Segundo Adorno, escreve Bauman, nossa escrita é linear. E por causa dela não conseguimos transmitir a lógica do pensamento que, diferentemente da escrita, move-se em círculos e está invariavelmente forçada, por seu próprio progresso, a fazer perpétuos retornos (PALLARES-BURKE, 2004).

Fernanda Jimenez publicou, na Internet, as reflexões que fez depois de assistir à conferência de Bauman, em Madri, em 2010, sobre a *Desigualdade na era moderna líquida*, expondo o pensamento dele acerca das mudanças e desigualdades nas relações sociais contemporâneas.

Trata-se do império do efêmero, o que inclui o conceito de tempo. É a era do passageiro, nada é feito para durar, tudo acaba caindo na insignificância. Todo mundo tem pressa, tem urgência, a preferência é pelos atalhos. Os bons pratos precisam de tempo para serem degustados, mas o *fast-food* prevalece. Quantos precisam sofrer para um só ficar rico?

O tratamento do tempo sofreu profunda e decisiva influência do *vitalismo* existencial de Bergson e do romance de Proust.

Analisado como um dado imediato da consciência, o tempo é antes uma dimensão humana do que uma realidade sujeita às leis da natureza física. Interior e *existencializado* apresenta-se dilemático ou paradoxal, em relação ao tempo logicamente construído e objetivamente válido para os fins da ação (SÁ, 1979, p. 90).

Segundo a ciência positivista do século XIX, o tempo é físico e pode ser medido por aparelhos.

Heráclito já vislumbrara, na sua teoria do vir-a-ser de todas as coisas, o fluir do tempo, que Bergson redescobre. O conceito bergsoniano da *durée*, duração, se identifica com o fluir da consciência e da sensibilidade, jamais idêntico a si mesmo, sempre diverso, ondeante, nunca linear.

Conceber o tempo como uma condição subjetiva, uma forma pura da sensibilidade, *a priori*, anterior à experiência e capaz de torná-la possível foi posição kantiana.

Os pensadores de propensão existencial, no seu afã de sondar os meandros do estar-no-mundo, conforme é típico do ser humano, não podiam aderir ao velho conceito do tempo newtoniano, essencial e objetivo (SÁ, 1979, p. 91).

Toda a filosofia existencialista é permeada pelo conceito do tempo vivo da consciência, pois só nele pode construir-se a essência humana, por meio dos vários atos do existir.

Apesar de toda essa revolução no conceito de tempo, remetendo-o para o subjetivo, alguns, ante a rapidez das mudanças, chegam a afirmar que a velocidade do fluxo ultrapassa nossa capacidade humana de acompanhá-la.

Se isso fosse possível, o que seria a realidade, sem ninguém para percebê-la? Um mundo físico, objetivo, em fluxo acelerado, sem a subjetividade humana para

compreendê-lo, é um caos sem diagnóstico. Quando os valores se liquefazem, é preciso saber o que são valores e como ou porque se liquefazem. Em *Tempos líquidos* (2007), Bauman afirma que esse processo simbólico de liquefação dos valores mais elevados da condição humana manifesta-se em diversas perspectivas de nossa vida em sociedade, tendo como característica comum a incapacidade de nos relacionarmos com a pessoa do “outro” de maneira plena, compreendendo assim sua subjetividade e singularidade (BAUMAN, 2007, p. 15).

Não valoramos a figura do *outro*, nela mesma, mas tal como se apresenta diante de nós. Daí os preconceitos, as diversas expressões de intolerância, tornando-se a pessoa mera coisa, com a qual nos relacionamos de maneira fria, egoísta e superficial. No fundo, queremos ver estampado no rosto do *outro*, um pouco daquilo que nós mesmos somos. O *diferente* é imputado como *extravagante*. Despreparada para interagir com a diversidade de perspectivas, acomodada nos seus valores conservadores, a lógica excludente da neurótica sociedade pós-moderna acha mais fácil modificar o *outro* do que a si mesma. Sempre a figura do *outro* é a culpada por todas as inseguranças e derrotas. O medo estimula a assumir uma atitude defensiva e daí tantas discriminações e perseguições.

A liquefação dos valores da era pós-moderna manifesta, como seu problema por excelência, o projeto de suprimir a consciência da alteridade, a capacidade de compreendermos o *outro* na sua própria pluralidade de significados e vivências. Suprimindo a alteridade, cada vez mais empobrecemos nossas relações interpessoais.

Um agravante a ser inserido nessas considerações é que dissimulamos essa incapacidade de convivência com a diferença, e muitas vezes demonstramos publicamente adequação irrestrita a esses princípios de respeitabilidade social, mas intimamente permanecemos racistas, machistas e intolerantes.

No livro *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (2003), Bauman tem todo um capítulo sobre a dificuldade de amar o próximo. Entretanto, comenta, esse é um dos preceitos fundamentais da vida civilizada, como afirma Freud na obra *O mal estar da civilização* (1930). Se nos perguntarmos: por que devo fazer isso? Que benefício me trará? sentiremos o absurdo dessa exigência.

Aceitar esse preceito é um ato de fé; um ato decisivo, pelo qual o ser humano rompe a couraça dos impulsos, ímpetos e predileções *naturais*, assume uma posição que se afasta da natureza, que é contrária a esta, e se torna o ser *não natural* que,

diferentemente das feras [...] os seres humanos são. Aceitar o preceito do amor ao próximo é o ato de origem da humanidade (BAUMAN, 2004, p.98).

A questão é que os seres humanos não *precisam* ser desumanos, ainda que vivam em circunstâncias sociais e históricas que fazem o tratamento cruel de outra pessoa parecer fácil e inconsequente. Sempre é possível escolher ser humano, sempre é possível escolher ser moral. Nessa escolha está nossa dignidade humana (TESTER, 2011, p.21).

Nesse mundo marcado pelo alto índice de violência, optamos por viver encarcerados e supostamente protegidos por grades e muros, pretensamente invioláveis.

Podemos constatar que até a estética das grandes metrópoles modificou-se, de forma grotesca, nas últimas décadas. Os casarões antigos até podiam ser cercados por grades, mas estas eram feitas de tal forma que permitiam ao observador externo contemplar a beleza do imóvel, tratando-se muito mais de uma delimitação territorial do espaço ocupado, do que uma busca de segurança¹.

Os que podem, vivem em *condomínios* planejados como se fossem uma ermida: fisicamente *dentro*, mas social e espiritualmente *fora* da cidade. Um traço muito importante do condomínio é seu *isolamento* e distância da cidade. Isolamento significa separação daqueles considerados socialmente inferiores, o fator-chave para garanti-lo é a segurança. Isto significa cercas e muros rodeando o condomínio, guardas trabalhando 24 horas por dia no controle das entradas e um conjunto de instalações e serviços destinados a manter os outros do lado de fora. Os moradores dos condomínios cercam-se para ficarem *fora* da excludente, desconfortável, vagamente ameaçadora e dura vida da cidade – e *dentro* do oásis de calma e segurança. A cerca separa o *gueto voluntário* dos ricos e poderosos dos muitos *guetos* forçados que os pobres habitam (BAUMAN, 2007, p. 82).

O fator medo aumentou bastante. Explicitamente, a finalidade dos *espaços interditados* é dividir, segregar e excluir – e não construir pontes, passagens acessíveis e locais de encontro, facilitar a comunicação, aproximar os habitantes da cidade. Na paisagem urbana, os *espaços interditados* tornam-se marcos de desintegração da vida comunal compartilhada.

¹ Esses comentários aos livros acima citados, de Bauman, foram feitos por Renato Nunes Bittencourt, na internet, sem nenhuma indicação de data ou referência explícita.

Desenvolvemos o medo crônico de sermos deixados para trás, de sermos excluídos (BAUMAN, 2008, p.29). Tememos a proximidade do outro, pois este, na visão distorcida que dele fazemos, traz consigo uma sombra ameaçadora, capaz de desestabilizar o frágil suporte de nossas organizações, de nossa atividade profissional e da sociedade como um todo.

Em *Tempos líquidos*, Bauman, cita a *Cidade invisível* (1972), de Ítalo Calvino:

O inferno dos vivos não é algo que será: se existe um, é o que já está aqui, o inferno em que vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Há duas maneiras de não sofrê-lo. A primeira é fácil para muitos: aceitar o inferno e se tornar parte dele e a ponto de não conseguir mais vê-lo. A segunda é arriscada e exige vigilância e preocupação constantes: procurar e saber reconhecer quem e o quê, no meio do inferno, não são inferno, e fazê-los durar, dar-lhes espaço (BAUMAN, 2007, p. 114).

Uma das conclusões a que se chega ao ler a obra *Aula* (1977), de Roland Barthes, é que a Literatura assume muitos saberes, mas faz girá-los, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto e esse indireto é precioso.

Por um lado, ele permite designar saberes possíveis – insuspeitos, irrealizados; a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta, semelhante à pedra de Bolonha, que irradia de noite o que aprovisionou durante o dia, e, por esse fulgor indireto, ilumina o novo dia que chega. A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe *de* alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens (BARTHES, 1980, p. 18-9).

Leyla Perrone-Moisés, além de traduzir o livro de Barthes para o português, escreveu um posfácio, comentando-o. Diz, a certa altura:

A convicção de Barthes - expressa na *Aula* - é de que a língua deve ser combatida e desviada do interior, por gestos de deslocamento. Assim, Barthes desloca as palavras, desfocaliza significantes de significados, desnivela a enunciação, marginaliza o discurso institucional, submetendo o terreno linguístico a breves mas constantes sismos. E esses leves abalos fazem oscilar o sujeito pleno no discurso logocêntrico, colaborando para que um novo sujeito aflore na História, liberto do imaginário (discurso, ideologia) que, por enquanto, o lastreia e entrava. Esse é o alcance político (no sentido largo) e a dimensão utópica da obra barthesiana (PERRONE-MOISÉS, 1980, p.67).

Desejamos encerrar este trabalho assinalando que também Bauman, embora sociólogo, não quer dizer nenhuma última palavra sobre nenhum dos temas que aborda. Mas não é um pessimista, como foi acusado. Perguntado pela revista *Época* diretamente sobre sua posição respondeu:

A meu ver, os otimistas acreditam que este mundo é o melhor possível, ao passo que os pessimistas suspeitam que os otimistas podem estar certos... Mas acredito que essa classificação binária de atitudes não é exaustiva. Existe uma terceira categoria: pessoas com esperança. Eu me coloco nessa terceira categoria. De outra forma, não veria sentido em falar e escrever (GIRON, 2014).

A arte tem uma fala sem tempo (embora situada), a fala do absoluto e, nesse sentido, ultrapassa as contingências do fluir. Mas pode-se dimensionar o tempo no fluir incessante da realidade e inclui-lo na compreensão da mudança e da *liquidez* baumaniana.

A preocupação com a durabilidade de qualquer coisa, com exceção do corpo, desaparece depressa. A felicidade humana já não inclui como valor, a permanência. Uma vida feliz é aquela percebida como a perpetuidade de novos começos. Já ninguém ambiciona a imortalidade.

Deseja-se o mundo como um parque temático de infinitude do espaço, do tempo, de sensações, não experimentadas.

É preciso comprimir, no curso de uma existência, tantas vidas novas, quantas possam ser administradas.

Tentar, tentar e tentar mais uma vez, talvez com sorte na próxima, mas ser capaz de prosseguir tentando, é a maior felicidade que pode acontecer [...]. As coisas são obtidas para serem consumidas, não para serem mantidas. Não se espera nem se deseja que permaneçam, por medo de que ocupem o espaço em que outras coisas novas e aperfeiçoadas poderiam ser usufruídas (BAUMAN, 2011, p. 142-3).

Isto nos motiva a ler os livros de Bauman com a abertura necessária para tentar compreender o fluxo incessante da realidade e colhê-lo na sua imensa possibilidade positiva de transformação. Nisso podemos ser protagonistas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Felipe Quintão de. *Quem tem medo de Bauman?* Felipe Quintão de Almeida; Maria Cristina Marcelino Bento; Raquel de Godoy Retz; Olga de Sá, Lorena: CCTA, 2014. 111p. (Ensaio, 3)

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução de Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1974.

_____. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1980.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004

_____. *Tempos líquidos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

_____. *Medo Líquido*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. *Bauman sobre Bauman: diálogos com Keith Tester*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

GIRON, Luís Antonio, “Vivemos o fim do futuro (Zygmunt Bauman)”. *Época*. Entrevista. Disponível em [http://www.fronteirasdopensamento.com.br/canalfronteiras/entrevistas/?16,188]. Acesso em 19 fev 2014.

JIMENEZ, Fernanda. *O Império do efêmero*. Falando em Literatura... Disponível em [fernandajimenez.com/2010/12/10/o-império-efêmero/] acesso em 10 out 2014.

PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. *Entrevista com Bauman*. Tempo Social – USP – junho 2004 – disponível em [www.sieelo.br/pdf/ts/v16n1/v16n1a15.pdf]]

SÁ, Olga de. *A Escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis: Vozes; Lorena: Faculdades Integradas Teresa D´Avila, 1979.

Data de submissão: 16/10/2014

Data de aprovação: 17/11/2014